

## **Um, dois, três... vamos contar outra vez!**

Reginaldo Rodrigues de Almeida

Doutorado em Ciências da Informação

Professor Universitário na Faculdade Autónoma de Lisboa



Zás...como que por magia o quotidiano das nossas vidas das nossas famílias e das nossas casas, foi invadido pelo mais poderoso meio de transporte do mundo das coisas multifacetadas ao mesmo tempo que se amplificaram os códigos genéticos de todas as ferramentas que interagem com a Educação.

Falamos, como todos já perceberam, da Internet, aquela plataforma de práticas e comportamentos que tirou de uma espécie de limbo os computadores pessoais e, de braço dado com a instantaneidade dos bits, projectou a paleta de saberes para a dimensão colorida de um aparente conto de fadas, a da Sociedade do Relacionamento.

Esta incomensurável onda de socialização recriou o nosso dia-a-dia e desenhou realidades próprias decorrentes dos velhos pensamentos analógicos agora plasmados nas renovadas abordagens do mundo digital, influenciando assim as formas de estudar, de trabalhar ou simplesmente de olhar o mundo que nos rodeia.

“Nova Economia”, “Auto-Estradas da Informação”, “Redes de Alto-Débito”, “Banda Larga”, “Wireless” e “Friendly User” são algumas das expressões que passaram repentinamente a sinónimos de realidades ubíquas e das surpreendentes facilidades de estar em simultâneo em diferentes lugares do planeta.

Todas as estruturas sociais em geral, a Escola em particular, receberam de braços abertos essa ilustre representante da Sociedade da Informação ainda que, por vezes, não tenham estado preparadas para a receber limitando-se, em muitos casos, a exibirem com deslumbramento o seu cartão de visita.

Tranquilamente no passado, à revelia das preocupações da actualidade, a Educação foi transmitida de geração em geração através de métodos estáticos, demasiadas vezes decantada por processos de memorização estéril, monocórdicos, desinteressantes e quase sempre divorciados dos objectivos da qualificação, consequência de uma alfabetização de virtudes que preparava para a vida mas não para esta ou aquela profissão.

Actualmente, transformada que está em agência de emprego, a Escola pulveriza-se em modernos estratagemas travestidos de sucessivos *up-grades* do monopólio tecnológico, desdobrando em incontáveis hipóteses de desempenho os diferentes ciclos do trabalho intelectual que em nada se querem viciosos.

Todavia, o que une também separa e antes da info-qualificação é imperativo não esquecer a alfabetização, a promoção de sólidos conteúdos formais de base e assim reforçarem-se as responsabilidades de todos os que participam na *matrix* do processo formativo, todos sem qualquer excepção.



A Educação, em sentido formal e amplo, independentemente dos tradicionais e até confusos escalonamentos de “Artes”, “Letras” ou “Ciências” deve metodologicamente trabalhar em permanente ruptura epistemológica em prol da cidadania activa e assertiva, apta a renovar competências do conhecimento presente afinal o único capital inesgotável que alicerça o que se entende por futuro, que não é perecível, que não se extingue como a condição humana ou qualquer bem material.

As TIC, actual denominador comum dos sistemas de informação e da burocracia enquanto conjunto de procedimentos administrativos na lógica de Max Weber, devem aprofundar as capacidades e, mais do que tudo, desenvolverem competências para obtenção da única meta que importa atingir e preservar: a Inovação, ou seja, a assunção de metodologias que permitam a irreverência disciplinada, o “pisar do risco” dos tabus tradicionais de uma Escola que se quer prospectiva e que na sua ementa escolar mais do que sistematicamente avaliar deve diversificar, mais do que ensinar deve deixar aprender...

Este comportamento, das pessoas às organizações, deve ser um caminho de todos os dias, de sentido único e obrigatório, que pesquise novas plataformas de convergência mescladas por todos os ramos do saber, da arte ao artesanato, do conhecimento empírico à ciência em estado puro.

Utilizar as tecnologias de informação é um *desiderato* a que todos estamos mobilizados pelo actual “contrato social”, por isso que nelas se encontre o melhor que têm para dar, que se utilizem como o ar que se respira e que naturalmente assumam um estatuto afirmativo e público de complementaridade do filme que é a vida numa perspectiva geradora de mais-valias que permitam, em todas as áreas de actividade, ganhar competências para os reptos que se colocam a cada momento.

De outra forma, info-exclusão e analfabetismo funcional serão perigosas realidades que de forma silenciosa mas brutal tomarão conta das gerações do futuro, hipotecadas que estarão ao deslumbramento da “tecnologia cega”, logo ainda menos preparadas que as actuais e, sem sequer tomarem consciência, cedo impedirão a proclamação do talento, acto voluntário da inteligência que não se impõe por decreto antes por uma atitude premeditada de genialidade cujo receituário não se consegue obter nos bancos da Escola mas sim na “farmácia de ideias” de todas as equações sociais envolventes.

A Galáxia Internet (utilizando-se aqui a feliz expressão de Manuel Castells) confere-nos maior diversidade de escolhas é certo, mas também maiores responsabilidades pois, paradoxalmente, sob o epíteto da mundialização cada vez mais dependemos de nós próprios e das nossas escolhas que continuam a não ser feitas á escala global mas sim de acordo com a métrica da nossa *glocalização*, limitando-nos muitas das vezes a ver o mundo pela janela do nosso quarto.

Cibercultura e cibernautas cada vez são em maior número e com esse facto todos nos congratulamos, no entanto, a dicotomia está sempre presente e assim também os ciberpunk's crescem desmesuradamente e pirateiam informação, a principal riqueza do mar digital numa batalha interminável, nunca ganha. Esta guerra entre o bem e o mal, o certo e o errado parece encontrar na Educação a única solução; trata-se do mais cintilante património de esmeraldas perdidas a descobrir pelos professores, pelos encarregados de educação e, obviamente, com natural destaque pelos alunos que nunca poderão esquecer-se que as técnicas são importantes mas muito mais ainda os ensinamentos teóricos apoiados numa forte cultura científica e na necessidade de se aprofundarem perícias em matérias aparentemente tão simples como as técnicas redactoriais ou a capacidade analítica.

Em síntese, é importante conhecer as vantagens competitivas do império de Bill Gates mas também, por exemplo, o significado das fábulas de La Fontaine ou ainda a filosofia subjacente a uma das mais simples e ao mesmo tempo extraordinárias frases de Victor Hugo: *Abri escolas para encerrar prisões.*

Só assim se conseguirá a verdadeira distinção do “Ser Kultural”, baluarte de Civilização e da verdadeira democracia electrónica.